

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR PALOTINA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

RELATÓRIO
ATIVIDADES DO ESTÁGIO OBRIGATÓRIO
Área: Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais

Aluna: Brenda Pickler

Orientador: Prof. Dr. Olicies da Cunha

Supervisor: MV. Jorge Luiz Castro

Relatório apresentado como parte das exigências para a conclusão do Curso de Graduação em Medicina Veterinária da Universidade Federal do Paraná – Setor Palotina.

PALOTINA – PR
Dezembro de 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BRENDA PICKLER

RELATÓRIO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ATIVIDADES DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO

PALOTINA – PR

Dezembro de 2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado força para concluir minha faculdade, aumentando a minha fé e perseverança a cada dia, e principalmente por ter colocado o amor a Medicina Veterinária em meu coração ainda muito jovem.

A minha avó Gessi Teresinha e aos meus amados pais, Cristina de Souza e Jeferson Valério Pickler, meus maiores exemplos, que não mediram esforços e lutaram para minha formação. Agradeço cada incentivo e orientação, cada sermão e incentivo de estudos, vocês fazem parte desta conquista e é a vocês que eu a dedico.

Aos meus animais de estimação, que sempre demonstraram amizade e lealdade incondicionais, e principalmente a Mia, meu cão que faleceu aos 2 anos de sua vida. E a todos os outros animais que passaram pela minha vida, principalmente na vida acadêmica.

Ao Médico Veterinário Residente, amizade conquistada durante períodos de estágio, Guilherme, excelente profissional e amigo mais do especial que me acolheu e passou seus conhecimentos, os quais caminham comigo até hoje.

A minha melhor amiga Fernanda Cristina Lagos que eu considero como irmã, sem o apoio dela eu não concluiria o curso, e aos colegas de faculdade que compartilharam comigo suas experiências de vida, e principalmente as amigas, Tainá Minuzzo, Giulia Casagrande, Ana Poercsh, inseparáveis nos momentos de alegria e principalmente nos momentos difíceis, vocês nunca serão esquecidas.

Ao meu orientador, Olicies, cujo administrou suas aulas com maestria que me fez decidir qual área eu iria seguir em um momento de tantas dúvidas, e também pela sua dedicação e orientação para comigo e todos os outros alunos. Aos demais professores e funcionários da faculdade que participaram de maneira fundamental na minha formação.

RESUMO

No presente trabalho de conclusão de curso são apresentadas as principais atividades desenvolvidas no Estágio Obrigatório supervisionado, realizado na Clínica veterinária escola da PUC – Pontifícia Universitária Católica de Curitiba, estritamente na área de clínica cirúrgica de pequenos animais, sob supervisão do médico veterinário Jorge Luiz Castro e orientação do professor Olicies da Cunha. O estágio se estendeu do dia 06 de agosto à 31 de outubro de 2018, no total de 472 horas. O trabalho relata a descrição do local do estágio assim como seu funcionamento na rotina da clínica, casuística das cirurgias ocorridas no período descrito, procedimentos e atividades realizadas (como auxílio em atendimentos, auxílio na realização de cirurgias, exames de imagem, manejo de feridas de pacientes internados e administração de medicamentos), ademais, uma breve revisão de literatura sobre neoplasias de sistema reprodutor, possibilitando uma maior assimilação da teoria através da prática, complementando então, a formação acadêmica.

Palavras-chave: Casuística, cães, afecções.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Fachada da CVE – Clínica Veterinária Escola PUCPR – Curitiba 2018.....	13
Figura 2	Fachada da CVE – Clínica Veterinária Escola PUCPR - Curitiba 2018.....	13
Figura 3	Ambulatórios da CVE, observe a seta branca indicando a mesa de aço inoxidável e a seta azul a pia. Canis, cada um contendo bomba de infusão, crachás de identificação e pranchetas para ficha de internamento – Clínica Veterinária Escola PUCPR - Curitiba 2018	15
Figura 4	Sala de triagem da CVE, seta branca indicando mesa de aço inoxidável, seta preta armário com utensílios médicos e seta azul pia e torneira – Clínica Veterinária Escola PUCPR – Curitiba 2018	15
Figura 5	Sala de Laudos, diagnóstico veterinário da CVE – Clínica Veterinária Escola PUCPR – Curitiba – 2018.....	16
Figura 6	Laboratório de análises clínicas da CVE, com seta azul indicando microscópios – Clínica Veterinária Escola PUCPR - Curitiba 2018.....	17
Figura 7	Sala de emergência da CVE, seta branca indicando mesa de aço inoxidável, seta preta armário com utensílios médicos e seta azul armário com utensílios de emergência – Clínica Veterinária Escola PUCPR- Curitiba 2018	18
Figura 8	Sala de internamento, observe na seta azul gaiolas e seta branca mesa de aço inoxidável CVE – Clínica Veterinária Escola PUCPR – Curitiba 2018	19
Figura 9	Sala de ultrassonografia da CVE – Clínica Veterinária Escola PUCPR- Curitiba - PR, 2018.....	20
Figura 10	Sala de radiografia da CVE – Clínica Veterinária Escola PUCPR - Curitiba - PR, 2018.....	21
Figura 11	Centro cirúrgico da CVE – Clínica Veterinária Escola PUCPR - Curitiba - PR, 2018.....	22
Figura 12	Internamento pré operatório da CVE – Clínica Veterinária Escola PUCPR – Curitiba - 2018.....	23
Figura 13	Internamento pós-operatório da CVE – Clínica Veterinária Escola PUCPR – Curitiba – 2018.....	23
Figura 14	Internamento pós-operatório imediato da CVE – Clínica Veterinária Escola PUCPR - Curitiba– 2018.....	24
Figura 15	Sala de ultrassonografia da CVE – Clínica Veterinária Escola PUCPR – Curitiba-2018.....	24

Figura 16	Sala de radiologia da CVE – Clínica Veterinária Escola PUCPR - Curitiba– 2018.....	25
Figura 17	Centro cirúrgico da CVE, observe na seta branca a mesa de aço inoxidável, seta preta a televisão e seta azul o aparelho de monitoração anestésica – Clínica Veterinária Escola PUCPR - Curitiba– 2018	26
Figura 18	A) Aplicação de fios de Nylon 2-0 na pelve do canino B) tela de polipropileno na cavidade abdominal - Clínica Veterinária Escola PUCPR – Curitiba 2018	38
Figura 19	A) fixação de fio de poliglecaprone no periósteo B) Passagem do fio de sutura na glândula de terceira pálpebra para a redução da mesma - Clínica Veterinária Escola PUCPR - Curitiba– 2018	41
Figura 20	Acesso a cavidade torácica com presença de massa tumoral no mediastino apontada na seta branca - Clínica Veterinária Escola PUCPR – Curitiba 2018....	43
Figura 21	Incisão na orelha interna em forma de S e retirada de sangue e fibrina, logo após aplicação de múltiplas suturas padrão Wolf com fio Nylon 2-0 em todo o pavilhão auricular - Clínica Veterinária Escola PUCPR - Curitiba– 2018.....	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Medicações pós-operatórias para animais acompanhados na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, no período de 06 de agosto a 31 de outubro na clínica veterinária PUC – CVE Curitiba 2018.....	28
Tabela 2	Relação do total de cirurgias separados em espécie e sexo dos animais acompanhados na área de Clínica Cirúrgica do Pequenos Animais, no período de 06 de agosto a 31 de outubro na clínica veterinária PUC CVE Curitiba –2018.....	29
Tabela 3	Relação das cirurgias de acordo com o sistema acometido, acompanhadas durante o estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, no período de 06 de agosto a 31 de outubro na clínica veterinária PUC-CVE Curitiba –2018	30
Tabela 4	Estatística das cirurgias de sistema reprodutor, acompanhados durante o estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, no período de 06 de agosto a 31 de outubro na clínica veterinária PUC-CVE Curitiba– 2018.....	31
Tabela 5	Relação de procedimentos de odontologia, acompanhados durante o estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, no período de 06 de agosto a 31 de outubro na clínica veterinária PUC-CVE Curitiba– 2018.....	35
Tabela 6	Estatística das cirurgias de sistema músculo esquelético, acompanhados durante o estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, no período de 06 de agosto a 31 de outubro na clínica veterinária PUC-CVE Curitiba - 2018.....	36
Tabela 7	Estatística das cirurgias de sistema tegumentar, acompanhados durante o estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, no período de 06 de agosto a 31 de outubro na clínica veterinária PUC-CVE Curitiba– 2018.....	37
Tabela 8	Estatística das cirurgias de sistema gastrointestinal, acompanhados durante o estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, no período de 06 de agosto a 31 de outubro na clínica veterinária PUC-CVE Curitiba– 2018.....	39
Tabela 9	Relação de procedimentos cirúrgicos do sistema oftálmico acompanhadas durante estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, durante o período de 06 de agosto a 31 de outubro, na Clínica Veterinária PUC-CVE Curitiba – 2018	39

Tabela 10	Relação de procedimentos cirúrgicos do sistema urinário, acompanhadas durante o estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, durante o período de 06 de agosto a 31 de outubro, na Clínica Veterinária PUC-CVE Curitiba– 2018	41
Tabela 11	Relação de cirurgias do sistema respiratório, acompanhadas durante o estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, durante o período de 06 de agosto a 31 de outubro de 2018, na Clínica Veterinária PUC-CVE Curitiba 2018.....	42
Tabela 12	Relação de procedimentos cirúrgicos do sistema auditivo, acompanhadas durante o estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, durante o período de 06 de agosto a 31, na Clínica Veterinária PUC-CVE Curitiba - 2018.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMBU	<i>(Artificial manual breathing unit)</i> Respiração manual única artificial
BID	<i>(Latim: Bis in die)</i> Duas vezes ao dia
CVE	Clínica veterinária escola
L.R.O.F.	Lesão de reabsorção odontoclástica felinos
MPE	Membro pélvico esquerdo
OSH	Ovario-salpingohisterectomia
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
PVPI	Polivinilpirrolidona iodo
SRD	Sem raça definida
VO	Via oral
SID	<i>(Semel in die)</i> Uma vez ao dia
TID	<i>(Ter in die)</i> Três vezes ao dia

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	11
2. DESCRIÇÃO DO LOCAL DE ESTÁGIO.....	12
2.1 SOBRE A CLÍNICA VETERINÁRIA.....	12
2.2 ESTRUTURA FÍSICA DA CLÍNICA VETERINÁRIA	14
2.2.1 Ambulatórios.....	14
2.2.2 Sala de triagem.....	15
2.2.3 Sala de Laudos.....	16
2.2.4 Laboratório de Microbiologia.....	16
2.2.5 Laboratório de Patologia.....	16
2.2.6 Laboratório de Análises Clínicas.....	17
2.2.7 Sala de Emergência.....	17
2.2.8 Farmácia.....	18
2.2.9 Sala de Odontologia.....	18
2.2.10 Salas de Internamento	19
2.2.11 Isolamento	21
2.2.12 Sala de Quimioterapia.....	22
2.2.13 Pré – Operatório	22
2.2.14 Pós – Operatório	23
2.2.15 Pós – Operatório Imediato.....	24
2.2.16 Sala de Ultrasonografia.....	24
2.2.17 Sala de Radiologia.....	25
2.2.18 Sala de Coleta.....	25
2.2.19 Centro Cirúrgico	25
2.3 FUNCIONAMENTO DA CLÍNICA VETERINÁRIA DA PUCPR.....	26
2.4 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS.....	27
3.0 CASUÍSTICA ACOMPANHADA NA ÁREA DE CLÍNICA CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS.....	29
3.1 Casuística do Sistema Reprodutor.....	30
3.2 Casuística de Odontologia.....	35
3.3 Casuística do sistema Musculo esquelético.....	36
3.4 Casuística do sistema Tegumentar.....	37
3.5 Casuística do sistema Gastrointestinal.....	38
3.6 Casuística do sistema Oftálmico.....	39
3.7 Casuística do sistema Urinário	41
3.8 Casuística do sistema Respiratório.....	42
3.9 Casuística do sistema Auditivo.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
SUGESTÕES.....	47
REFERÊNCIAS.....	48

1. INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado é indispensável para os alunos de medicina veterinária, o intuito do mesmo é aprimorar os conhecimentos teóricos adquiridos na graduação e colocá-los em prática para que se possua dedicação, ética e bons modos, preparando assim a maioria dos alunos principalmente os jovens para o mercado de trabalho. Durante esse período foram acompanhados cães e gatos pacientes da clínica da PUC-CVE, esses pacientes foram atendidos nos ambulatórios e todos encaminhados a cirurgia.

Ademais, foi possível conhecer a rotina prática na Clínica veterinária escola da PUC, bem como a inserção do médico veterinário no mercado de trabalho, observando a rotina, pelo período de três meses da clínica, a ética e modos dos médicos veterinários em diversas situações.

Portanto, foi possível aprimorar as habilidades adquiridas a partir das aulas práticas ofertadas pelo curso, de modo que, acompanhando o paciente desde a anamnese até o protocolo de tratamento, consiga, a cada vez com maior facilidade, diagnosticar o animal, bem como realizar tratamentos cirúrgicos adequados aos casos apresentados.

O referido estágio curricular supervisionado foi realizado na Clínica veterinária escola da PUC – Pontifícia Universitária Católica de Curitiba de pequenos animais no período de 06 de agosto à 31 de outubro de 2018, totalizado em uma carga horária de 472 horas de quarenta horas semanais, sob supervisão da médicos veterinários internos, e professores da área de clínica cirúrgica de pequenos animais.

O relatório descreve a estrutura, funcionamento e casuística da Clínica veterinária escola da PUC – Pontifícia Universitária Católica de Curitiba na área de clínica cirúrgica de pequenos animais, além de relatar as atividades desenvolvidas no durante o estágio e breve revisão dos casos acompanhados.

2. DESCRIÇÃO GERAL DO LOCAL DO ESTÁGIO

O estágio supervisionado obrigatório foi realizado na Clínica veterinária escola da PUC – Pontifícia Universitária Católica de Curitiba, na área de clínica cirúrgica de pequenos animais, sob a supervisão do médico veterinário Jorge Luiz Castro.

2.1 SOBRE A CLÍNICA VETERINÁRIA

Fundada em 23 de abril de 1999 a Unidade Hospitalar de Animais de Companhia – UHAC, antes situada no Campus São José dos Pinhais migrou para a cidade de Curitiba, tornando-se a Clínica Veterinária Escola – CVE, que foi inaugurada em 10 de novembro de 2016 localizada na Rua Rockfeller, 1311 – Rebouças.

A clínica funciona como um ambiente de ensino e treinamento para alunos e internos em Medicina Veterinária, além de possibilitar serviços de excelência para a população da região, que busca atendimento para os seus animais com profissionais especializados orientando os alunos.

A clínica disponibiliza serviços clínico-cirúrgicos nas áreas de pequenos animais. Possui os laboratórios de patologia clínica, diagnóstico por imagem, anestesiologia, microbiologia, assim como patologia animal.

O horário de funcionamento ocorre de segunda feira à sexta feira em horário comercial (08h00 às 12h00 e 14h00 às 18h00 horas), não disponibilizando atendimentos ao público nos feriados e aos finais de semana. (Figura 1 e 2).

Figura 1. Fachada da Clínica Veterinária CVE-PUC Curitiba.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Figura 2. Fachada da Clínica Veterinária CVE-PUC Curitiba.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

2.2 ESTRUTURA FÍSICA DA CLÍNICA VETERINÁRIA

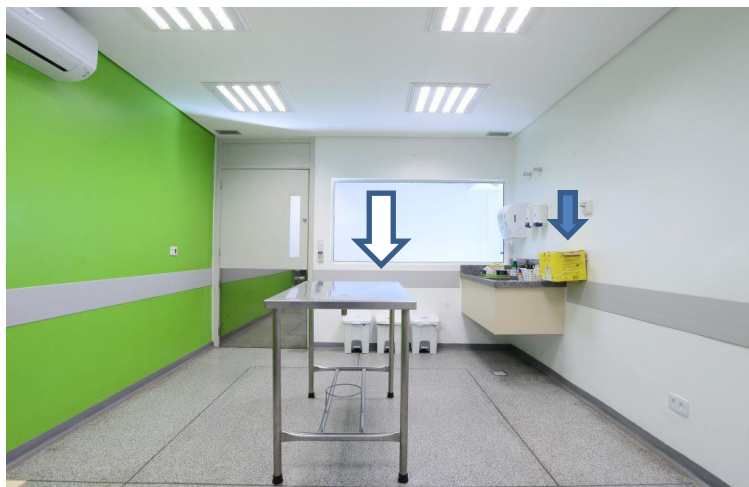
A estrutura da clínica veterinária do setor de pequenos animais consiste em: recepção, lavanderia, alojamento para alunos internos, farmácia, 2 centros cirúrgicos, ambulatórios, cozinha, sala de quimioterapia, internamento, pré-cirúrgico, pós-cirúrgico, gatil, isolamento, sala de emergência, sala de esterilização, uma sala radiografia e uma sala de ultrassonografia, quatro laboratórios sendo eles laboratório de análises clínicas, laboratório de análises microbiológicas, laboratório de patologia e laboratório de anatomopatologia.

A clínica possui atendimentos exclusivos na área de medicina de pequenos animais, entre esses atendimentos é possível destacar, a acupuntura veterinária, anestesia e controle da dor, clínica médica de felinos, comportamento animal, dermatologia, diagnóstico por imagem, nutrição clínica, neurologia, odontologia, oncologia, ortopedia, gastrologia e endocrinologia.

2.2.1 Ambulatórios

Os ambulatórios são locais onde ocorrem o atendimento dos pacientes. Todos possuem uma mesa de aço inoxidável, para que seja feito o exame físico dos pacientes, uma mesa com cadeiras, para a realização da anamnese, uma pia para higienização, fluxo de oxigênio além de armários, onde se encontram materiais que são utilizados rotineiramente, como: ataduras para curativos, agulhas, seringas, gaze, micropore, tubos para coleta de sangue, álcool 70%, clorexidine, água oxigenada, solução de PVPI (Polivinilpirrolidona iodo) ataduras, esparadrapo, luvas e caixas para despacho de materiais perfurocortantes (Figura 3).

Figura 3. Ambulatórios da Clínica Veterinária, na seta branca mesa de aço inoxidável e seta azul pia para higienização das mãos - CVE-PUC Curitiba.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

2.2.2 Sala de Triagem

A sala de triagem possui os mesmos utensílios dos outros ambulatórios uma mesa de aço inoxidável, pia de higienização das mãos, fluxo de oxigênio, mesa e cadeiras, balcão com utensílios médicos como agulhas, seringas, gaze, micropore, tubos para coleta de sangue, álcool 70%, clorexidine, água oxigenada, solução de PVPI, ataduras, esparadrapo, luvas de procedimento e caixas para despacho de materiais perfurocortantes. Nesta sala que realiza somente atendimentos de urgência e emergência (Figura 4).

Figura 4. Sala de triagem, observe a seta branca mesa de aço inoxidável, seta preta armário com utensílios médicos e seta azul pia e torneira Clínica Veterinária CVE-PUC Curitiba.

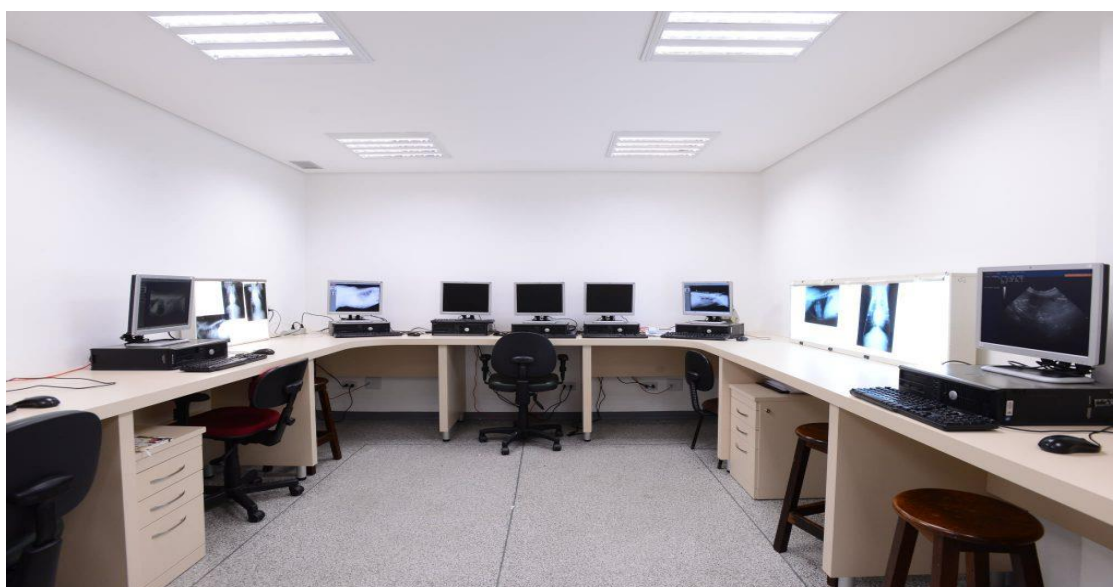


Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

2.2.3 Sala de Laudos

A sala de laudos possui oito computadores, um quadro para explicações, dois negatoscópios e dois balcões com bancos para a discussão de exames de imagens radiográficas, ultrassonográficas, tomográficas e de ressonância magnética (Figura 5).

Figura 5. Sala de laudos da Clínica Veterinária CVE-PUC Curitiba.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

2.2.4 Laboratório de Microbiologia

Laboratório de microbiologia com presença de uma sala de análises contendo uma bancada e bancos para realização de aulas e análises de amostras.

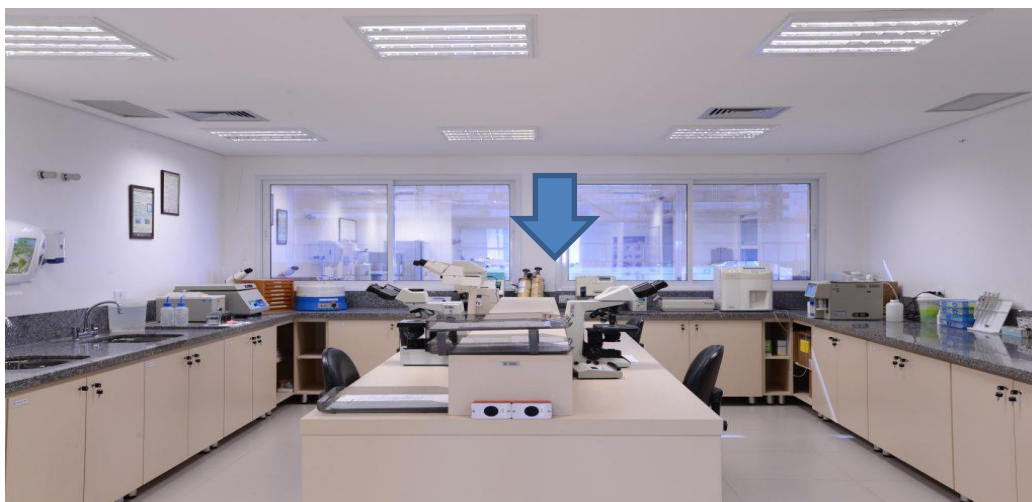
2.2.5 Laboratório de Patologia

Laboratório de patologia contendo um balcão e bancos, além de 4 microscópios para análises de lâminas histopatológicas.

2.2.6 Laboratório de Análises Clínicas

Laboratório de análises clínicas contendo balcões e bancos, microscópios e equipamentos específicos de análises bioquímicas e coagulogramas (Figura 6).

Figura 6. Laboratório de análises clínicas, observe seta azul indicando microscópios da Clínica Veterinária CVE-PUC Curitiba.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

2.2.7 Sala de Emergência

A sala de emergência é onde ocorre o atendimento a pacientes que chegam com risco de vida, devido a traumas. Possui uma mesa de aço inoxidável para realização de procedimentos, uma bancada contendo todos os

materiais básicos, ademais, uma pia para higienização das mãos, fluxo de oxigênio, um armário e um balcão que comportam fármacos de emergência, um aparelho de aferir a pressão como doppler, tubos endotraqueais, *Artificial Manual Breathing Unit* (AMBU) Respirador artificial manual único, cilindro de oxigênio e caixa para deposição de materiais perfurocortantes (Figura 7).

Figura 7. Sala de emergência da clínica veterinária observa-se a seta branca indicando mesa de aço inoxidável, seta preta mostrando o armário com fármacos de emergência e seta azul armário com utensílios de emergência CVE-PUC Curitiba.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

2.2.8 Farmácia

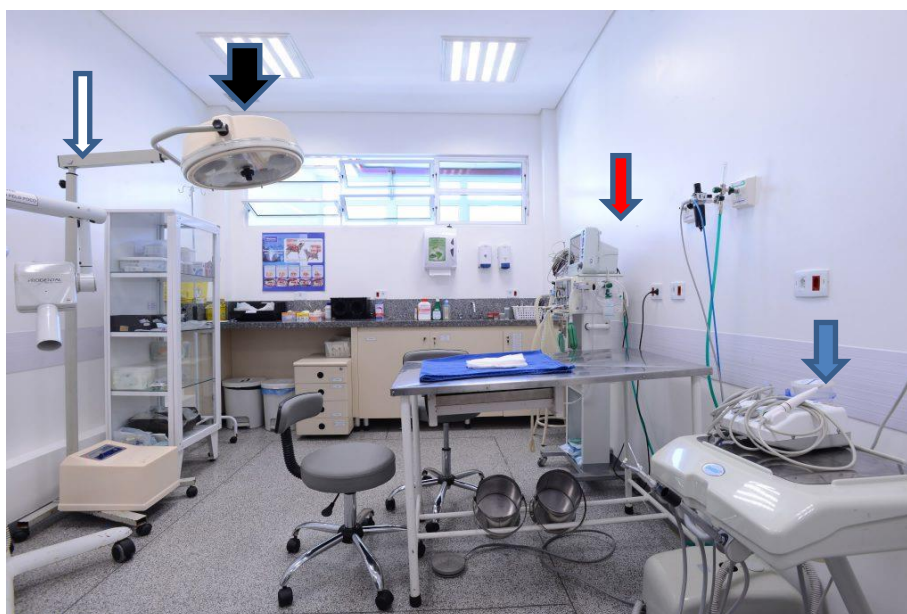
A farmácia da clínica veterinária tem acesso restrito aos técnicos, e é o ambiente onde ficam armazenados todos os medicamentos e aparelhos que são utilizados na rotina como aparelhos de tricotomia, medidores de glicose, medidores de lactato, aferidores de pressão dopplers e secadores. Possui uma geladeira para o armazenamento de fármacos termolábeis, uma impressora e um computador e uma prancheta para controle de itens que são utilizados e depois devolvidos.

2.2.9 Sala de Odontologia

A sala de odontologia consiste em um local onde se realiza procedimentos odontológicos restritos a profilaxia dentária, exodontia e cirurgias com alto nível

de contaminação, possui uma mesa de aço inoxidável, aparelho de monitoração anestésica, um foco de luz, fluxo de oxigênio, balcões, bancos, armário com utensílios necessários, aparelhos odontológicos e aparelho de radiografia odontológica (Figura 8).

Figura 8. Sala de odontologia, note a seta azul indicando aparelhos odontológicos, seta preta foco de luz, seta vermelha monitorador anestésico e seta branca aparelho de radiografia odontológica da Clínica Veterinária CVE-PUC Curitiba.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

2.2.10 Salas de Internamento

As salas de internamentos são divididas conforme a espécie do animal.

Canil: ambiente restrito para cães, possui uma lotação total de 21 pacientes. O local conta com duas mesas de aço inoxidável para que sejam realizados procedimentos ambulatoriais, um armário onde ficam os materiais utilizados comumente (como tubos de coletas, cateteres, seringas, agulhas, gazes, micropore, álcool, PVPI, luvas de procedimento, algodão, soluções fisiológicas), suporte de soros, bomba de infusão, fluxo de oxigênio, pia para higienização das mãos, armário para armazenamento de colares Elizabethanos e focinheiras,

e uma geladeira, para armazenamento dos alimentos. Na parede há um armário coleiras e guias (Figura 9).

Figura 9. Canil da clínica veterinária, observe na seta azul gaiolas e seta branca mesa de aço inoxidável - CVE PUC Curitiba.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

O gatil possui uma capacidade de 12 pacientes. Conta com gaiolas de aço inoxidável enfileiradas por toda a parede. Possui uma mesa de aço inoxidável para realização de procedimentos ambulatoriais, uma balança para pesagem dos felinos, uma mesa contendo os materiais que são utilizados geralmente no manejo rotineiro, assim como uma pia com duas torneiras para a higienização das mãos, um armário, fluxo de oxigênio, fraudas higiênicas, caixinhas, sacos de areia e bombas de infusão. Há também uma caixa para deposição de materiais perfurocortantes (Figura 10).

Figura 10. Gatil da clínica veterinária. Observe na seta azul a bomba de infusão - CVE PUC Curitiba.



Fonte: Giulia Casagrande, 2018.

2.2.11 Isolamento

O isolamento possui uma capacidade de 32 pacientes, e é o local destinado para pacientes que têm suspeita de qualquer doença com caráter infectocontagioso, que ainda não tenham um diagnóstico definitivo. Além disso, eram internados animais com esporotricose, geralmente gatos, sendo essas gaiolas específicas distribuídas em 14 para cães e 13 para gatos.

O local conta com duas mesas de aço inoxidável, um armário onde ficam os materiais utilizados comumente (como tubos de coletas, cateteres, seringas, agulhas, gazes, micropore, álcool, PVPI, luvas de procedimento, algodão, soluções fisiológicas), suporte de soros, bomba de infusão, fluxo de oxigênio e pia para higienização das mãos.

2.2.12 Sala de Quimioterapia

Sala de quimioterapia contendo uma mesa de aço inoxidável, fluxo de oxigênio, uma pia para higienização das mãos, cadeiras e armário com materiais que são utilizados durante a terapia como luvas, seringas, agulhas, cateteres, entre outros.

2.2.13 Pré-operatório

Internamento pré-operatório possui duas salas divididas por uma porta, contendo em cada uma gaiola com capacidade de quatro animais, fluxo de oxigênio, e uma mesa de aço inoxidável, sendo esse o local que realiza o internamento de pacientes que irão realizar cirurgia durante o dia (Figura 11 e 12).

Figura 11. Internamento pré-operatório da clínica veterinária-CVE PUC Curitiba.



Fonte: PUC-CVE 2018.

Figura 12. Internamento pré-operatório da clínica veterinária-CVE PUC Curitiba.



Fonte: PUC-CVE, 2018.

2.2.14 Pós-operatório

O internamento pós-operatório possui uma sala com gaiolas de capacidade 16 pacientes, armário com cobertores, pia para higienização das mãos, fluxo de oxigênio balcão com utensílios necessários para animais internados, como já descritos anteriormente, armário para armazenamento de colares elisabetanos e focinheiras, e bombas de infusão (Figura 13).

Figura 13. Internamento pós-operatório da clínica veterinária-CVE PUC Curitiba.



Fonte: PUC-CVE, 2018.

2.2.15 Pós-Operatório Imediato

O pós-operatório imediato se localiza dentro do centro cirúrgico, em uma sala separada e possui seis gaiolas de aço inoxidável e fluxo de oxigênio para animais que estão se recuperando da cirurgia (Figura 14).

Figura 14. Pós-operatório imediato da clínica veterinária-CVE PUC Curitiba.



Fonte: CVE-PUCPR.

2.2.16 Sala de Ultrassonografia

A sala de Ultrassonografia possui um aparelho de ultrassom, mesa, cadeira, armários e uma maca para acomodar os animais (Figura 15).

Figura 15. Sala de Ultrassonografia da clínica veterinária-CVE PUC Curitiba.



Fonte: arquivo pessoal, 2018.

2.2.17 Sala de Radiologia

Sala de radiologia possui um aparelho de radiologia, armário, computadores e uma segunda sala para análise de imagens (Figura 16).

Figura 16. Sala de Radiologia da clínica veterinária-CVE PUC Curitiba.



Fonte: PUCPR-CVE, 2018.

2.2.18 Sala de Coleta

Sala de coleta de exames possui uma mesa de aço inoxidável, armário com seringas, agulhas, tubos de coleta de sangue e pia para higienização das mãos.

2.2.19 Centros Cirúrgicos

Os centros cirúrgicos possuem cada um uma mesa de aço inoxidável, balcões, aparelho de monitoração anestésica, computador, televisão e uma sala de pós-operatório imediato (Figura 17).

Figura 17. Centros cirúrgicos da clínica veterinária. Observe na seta branca a mesa de aço inoxidável, seta preta a televisão e seta azul o aparelho de monitoração anestésica - CVE PUC Curitiba.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2018.

2.3 FUNCIONAMENTO DA CLÍNICA VETERINÁRIA DA PUCPR

O corpo médico da PUCPR é composto por doze internos chamados de aprimorandos, além de professores, mestrandos, doutorandos e técnicos qualificados que contribuem no atendimento dos pacientes. O grupo de residentes é dividido em cinco áreas: três em Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, três em Clínica Médica de Pequenos Animais, dois em Anestesiologia, dois em Diagnóstico por Imagem e dois em Patologia clínica veterinária.

Pacientes com risco de morte são atendidos através da triagem, além disso, para ocasiões não emergenciais e sem agendamento prévio.

O cadastro é feito na recepção, gera-se um número de ficha clínica e um envelope específico com os dados do paciente e proprietário com função de registrar anamnese e exames complementares.

Depois de feito o cadastro, o proprietário aguarda na sala de espera até a chamada pelo residente responsável pelo atendimento, de acordo com a especialidade. A anamnese, exame físico geral, coleta de materiais para exames complementares são feitos no ambulatório pelos estagiários e alunos com auxílio dos médicos veterinários internos.

Para pacientes que serão submetidos a algum procedimento cirúrgico é agendado uma consulta pré-cirúrgica e consulta pré-anestésica com um residente de cirurgia e anestesiologia respectivamente. Animais com alguma alteração na ausculta cardíaca ou acima de nove anos são agendados exames de ecocardiograma e eletrocardiograma. Os animais submetidos a procedimentos cirúrgicos são internados pela manhã, o jejum hídrico e alimentar é de responsabilidade do tutor, e permanecem até as 18h00 horas quando recebem a alta cirúrgica, caso os mesmos não apresentarem aptos para a alta cirúrgica são encaminhados para outra clínica durante a noite e retornam pela manhã para a clínica da PUC.

Durante o dia a clínica conta também com serviço de internamento para pacientes que necessitam de algum cuidado específico, medicações intravenosas, quimioterapia, controle de dor ou que precise de algum tratamento intensivo. Esses pacientes são assistidos pelos veterinários de clínica médica, cirúrgica e anestesiologia.

2.4 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS

As consultas eram previamente agendadas pela recepção possuíam a duração de aproximadamente uma hora. O estagiário de clínica cirúrgica era responsável por recepcionar o proprietário e o paciente até o ambulatório, realizar anamnese dirigida especificamente para a cirurgia, exame físico geral, mensuração da massa tumoral (quando visível) ou lesão em casos oncológicos, requerimento de radiografias, ultrassonografias e classificar a lesão de acordo com as principais características: consistência, aderência, presença ou não de ulceração.

Em seguida, todas as observações sobre o caso são repassadas para o interno responsável, realizando a discussão dos diagnósticos diferenciais e possíveis tratamentos cirúrgicos. Feito isso, o interno dirige ao ambulatório, explica ao proprietário sobre a afecção, procedimento cirúrgico que será realizado, prognóstico do paciente e finaliza o atendimento.

Ademais, os estagiários também tinham a função de apanhar os pacientes pela manhã que realizarão cirurgia durante o decorrer do dia, interná-los no pré-operatório, fazer a identificação da gaiola com nome do paciente e procedimento

cirúrgico que será realizado, fazer punção venosa, administrar fluidoterapia e encaminhar para o centro cirúrgico. Soma-se a isso outras funções no final do dia como prescrição de receitas, preencher e encaminhar fichas histopatológicas sob a supervisão do interno e cuidar de pacientes no pós-operatório administrando água, alimento e medicações, observando se o mesmo estava apto para receber alta no fim do dia, ou deveria ser encaminhada a outra unidade hospitalar de 24 horas de funcionamento.

Os médicos veterinários internos possuíam um protocolo de medicações pós-operatórias que era utilizado em quase todas as cirurgias de acordo com a tabela 1:

Tabela 1. Medicações pós-operatórias para animais acompanhados na área de clínica cirúrgica de pequenos animais, no período de 06 de agosto a 31 de outubro de 2018 na clínica veterinária PUCPR-Curitiba.

Medicamento	Dose	Frequência
Dipirona	25 mg/kg	TID
Amoxicilina com Clavulanato de potássio	15-20 mg/kg	BID
Meloxicam (cães)	0.1-0.2 mg/kg	SID
Meloxicam (gatos)	0,01 mg/kg	SID
Ranitidina	0,5-2 mg/kg	BID
Tramadol	1-4 mg/kg	BID

Fonte: o Autor (2018).

Esse protocolo foi instituído por professores e alunos internos com base em diversas pesquisas que visavam a melhor conduta terapêutica a ser realizada após os procedimentos cirúrgicos.

OBS: exceto cirurgias mais complexas que requeriam medicações específicas.

3. CASUÍSTICA ACOMPANHADA NA ÁREA DE CLÍNICA CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS

Durante o Estágio Curricular supervisionado, realizado nos meses de agosto, setembro e outubro, foram acompanhados 173 animais, sendo que as maiores casuísticas são de caninos em relação aos felinos, e machos em relação às fêmeas, (tabela 2). A distribuição dos casos serão abordadas nas tabelas de número 3 ao 12 e com breve explanação referente a cada sistema, especificamente na tabela de sistema reprodutor será feita uma revisão sobre mastectomia para neoplasias mamárias haja vista sua alta prevalência, e sobre tumores testiculares devido a alta casuística de orquiectomias eletivas para evitar-los.

Tabela 2. Número de procedimentos cirúrgicos acompanhados, separados em espécie e sexo dos animais na área de Clínica Cirúrgica de pequenos animais, no período de 06 de agosto a 31 de outubro de 2018 na clínica veterinária PUCPR-Curitiba.

Espécie	Fêmeas	Machos	Total	Frequência (%)
Caninos	47	82	129	74%
Felinos	22	23	45	26%
Total	69	105	173	100

Fonte: o Autor (2018).

No total foram acompanhadas 173 cirurgias, subdivididas de acordo com o sistema acometido, conforme tabela 3. O sistema reprodutor teve maior casuística (68) durante o período descrito, seguido das cirurgias tegumentares oncológicas e não oncológicas (32) e musculo esqueléticas (32).

Tabela 3. Número de procedimentos cirúrgicos separados por sistemas em que foram acompanhadas durante estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, durante o período de 06 de agosto a 31 de outubro de 2018, no Clínica Veterinária PUCPR-Curitiba.

Sistema	Casos	Frequência (%)
Reprodutor	68	39,53%
Tegumentar	32	18,6%
Musculoesquelético	32	18,6%
Odontologia	21	12,20%
Gastrointestinal	9	9,7%
Oftálmico	3	1,74%
Auditivo	3	1,74%
Urinário	3	1,74%
Total	172	100

Fonte: o Autor (2018).

3.1 CASUÍSTICA DO SISTEMA REPRODUTOR

A maior casuística observada durante o período de 06 de agosto a 31 de outubro na clínica veterinária escola da PUCPR foram cirurgias de aparelho reprodutor masculino de orquiectomia eletiva e em segundo lugar feminino a ovário-salpingohisterectomia eletiva e mastectomia conforme a (tabela 4). As castrações eletivas tiveram maior prevalência devido à conscientização de proprietários para evitar doenças em fêmeas como piometra, hiperplasia endometrial cística, pseudociese, galactorréia, tumores de glândula mamária, entre outros. Em machos evita a presença de neoplasias testiculares como sertolioma, leydioma, seminoma e hiperplasia prostática, além de controle populacional.

Tabela 4. Relação de procedimentos cirúrgicos do sistema reprodutor, acompanhadas durante estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, durante o período de 06 de agosto a 31 de outubro de 2018, na Clínica Veterinária PUCPR Curitiba.

Reprodutor	Canino		Felino		Frequência (%)
	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	
Orquiectomia eletiva	18	-	12	-	44,11%
Ovario-salpingohisterectomia	-	14	-	6	29%
Mastectomia	-	13	-	-	19%
Ovario-salpingohisterectomia terapêutica	-	2	-	-	2,94%
Orquiectomia terapêutica	2	-	-	-	2,94%
Total	20	30	12	6	68

Fonte: o Autor (2018).

A cirurgia de mastectomia teve prevalência somente em cadelas, a conduta utilizada na clínica era de mastectomia total unilateral devido à presença de múltiplos nódulos e encaminhamento para análise histopatológica, caso houvesse neoplasia no lado contralateral era programado a cirurgia de retirada após dois meses e em seguida depois de dois meses a ovário-histerectomia caso o animal não fosse castrado.

Além disso, as orquiectomias eletivas tem a função de evitar neoplasias em machos como adenoma perianal testosterona dependente, leydigoma, sertolioma, seminoma. A técnica utilizada em cães é a das três pinças e uso de fios de sutura, já em felinos a técnica não faz uso de fios de sutura realizando os nós e sobre nós com o ducto espermático e plexo pampiliforme e fechamento da bolsa escrotal com cola.

A seguir será feito uma breve discussão sobre tumores de mamas e neoplasias testiculares devido a alta prevalência dessas afecções observadas durante o estágio curricular.

As neoplasias mamárias são comuns em cães sendo a segunda neoplasia maligna mais frequente, depois de neoplasias de pele. Geralmente as cadelas

são acometidas a partir dos nove anos de idade segundo Dobson, *et al.* (2001), ocorrendo baixa incidência de tumores mamários antes dos 5 anos de idade (HENRY, *et al.* 2010). A prevalência em gatos também é alta sendo a três maior incidência de neoplasias em felinas segundo (HENRY, 2010 e FOSSUM, 2013).

Além disso, quando acomete felinos possui um grau de malignidade de 90% (FOSSUM, 2013 e HENRY, 2010). A predisposição racial ainda não é confirmada, porém observa-se grande quantidade de animais da raça Cocker Spinel, Dashund, poodle e SRD segundo os autores (RASKIN, 2013 e HENRY, 2010).

A etiologia dessa doença ocorre devido aos hormônios sexuais progesterona e estrogênio, portanto é indicado a castração de cadelas e gatas antes do primeiro estro devido a incidência de desenvolvimento da neoplasia ser de 0,05% antes do primeiro estro, 8% depois do primeiro estro e 26% depois do segundo estro em cadelas sugerem os autores (DOBSON, 2001 e HENRY, 2010).

A maioria dos tumores de glândula mamária em caninos possuem início nas duas mamas caudais m4 e m5 segundo Dobson, (2001) são nódulos que possuem tamanho variado dependendo do tempo de evolução da doença, podendo ser ulcerados ou não e ter crescimento lento ou rápido devido ao grau de malignidade. Ademais, segundo o livro Fossum (2013) os mesmos podem crescer rapidamente e atingir a circulação linfática causando inflamação, edema e dor na região.

As neoplasias são classificadas em benígnas, que consistem geralmente adenomas, tumores benígnos de células mesenquimais e os chamados fibroadenomas que são de células mistas. Já os malignos são os carcinomas que podem possuir diversas características como carcinoma sólido, tubular, papilar e anaplásico segundo o Dobson, (2001), sendo o sólido e anaplásico com prognóstico melhor do que os papilares e tubulares afirma (FOSSUM, 2013). Além disto, existe a possibilidade de metástase com incidência de 50% em malignos, sendo os principais órgãos acometidos os linfonodos axilares, inguinais e pulmão devido à metástase ser linfática. Outro fator importante são as síndromes paraneoplásicas que tem como principal sintoma a anorexia e caquexia afetando na recuperação dos animais submetidos a cirurgia e quimioterapia relata o autor (DALEK, 2016).

O diagnóstico para suspeita de animal com neoplasia mamária deve incluir a citologia. A citologia é aplicável para diagnóstico presuntivo, principalmente para diferenciar neoplasias de cistos, hipertrofias, granuloma, tumor de pele, pseudociese e mastites para que possa ser feito o planejamento cirúrgico. Fossum, (2013) a isso a medida de dimensão dos nódulos e avaliação da consistência dos mesmos que podem ser firmes, sésseis, pedunculados, em placa e aderidos.

Para eliminar a possibilidade de tumores malignos é feito uma avaliação de pelo menos três características malignas que são: aumento de núcleo e célula, amoldamento nuclear, aumento do núcleo no citoplasma, nucléolo grande e/ou binucleação (RASKIN, 2012).

Exames de imagem também devem ser feitos para pesquisa de metástase, sendo o protocolo seguido um ultrassom de abdômen e radiografia de tórax segundo todos os autores (DOBSON, et al., 2001).

Segundo Dobson, (2001) e Fossum, (2013), os exames clínicos laboratoriais não possuem especificidade em relação a neoplasias mamárias, mas podem apresentar alterações de baixa relevância para o diagnóstico.

O tratamento para neoplasia mamária é sempre cirúrgico, exceto em casos de carcinoma inflamatório (FOSSUM, 2013). Todas as massas devem ser retiradas pois podem possuir diferentes tipos de neoplasia nas mamas.

Existem diversas cirurgias que podem ser realizadas incluindo a lumpectomia ou mamectomia que na técnica é incisado somente a glândula tumoral afetada e uma margem na pele de (1 cm), ela é realizada para tumores menores que 5 mm encapsulados Fossum, (2013) e Dobson, (2011). A mastectomia local (regional) é feita quando o tumor atinge duas ou mais glândulas ou está no meio delas, sendo assim feito a retirada de duas ou três glândulas (FOSSUM, 2013). Além disso, a mastectomia total unilateral é realizada quando a glândula tumoral se encontra no meio da cadeia mamária (m3), quando possui múltiplos nódulos em cadelas ou em felinas devido ao poder de malignidade (FOSSUM, 2013).

Entretanto, a mastectomia total bilateral não é recomendada por nenhum dos autores Fossum, et al. (2013), devido a dificuldade ou não fechamento da epiderme e derme pela falta de pele e grande presença de tensão. Os plexos venosos e artérias que são feitos ligaduras para a hemostasia durante a cirurgia

são epigástrica superficial caudal em glândulas m5 e m4, epigástrica superficial cranial em m3 e m2, torácica e torácica lateral em m1 e m2. (FOSSUM, 2013).

Existem diversos tratamentos quimioterápicos, porém nenhum específico para neoplasias mamárias, e devido a ausência de tratamento cirúrgico em carcinoma inflamatório é feito doxorrubicina de forma paliativa (RASKIN, 2012).

O prognóstico para gatos é sempre reservado ou ruim quando são acometidas, e para cadelas pode ser bom, reservado ou ruim dependendo do resultado da histopatologia (HENRY, 2010).

: As neoplasias testiculares são a segunda maior causa de tumores em cães não castrados principalmente idosos e incomuns em gatos Dobson, *et al.* (2001), São elas os sertoliomas, leydigomas, seminomas todos com baixo poder metastático (RASKIN, 2012 FOSSUM, 2013). Os fatores pré-disponentes são idade, fatores ambientais, e procriação além do criptorquidismo.

Acredita-se que as raças boxer e poodle tem relação genética com a formação desses tumores e outras raças como Pastor de Shetland, Pastor Alemão, Schnauzer miniatura, Yorkshire, Husk Siberiano e Afghani Hound possuem alta casuística dessa enfermidade (DALEK, 2016).

O animal criptorquizado tem uma maior pré-disposição a ectopia de testículo no lado direito, e formação de sertolioma e seminomas Henry, *et al.* (2010) além de possuir um risco maior de metástase devido ao diagnóstico tardio, e com idade diminuída em relação aos outros não criptorquizados.

Os aspectos clínicos em sertoliomas podem ser aumento da bolsa escrotal, sinais de feminização e alopecia. Já em seminomas não há nenhum sinal clínico específico e os leydingomas podem ou não apresentar hiperplasia prostática, hérnia perineal e hiperplasia de glândula perianal. (RASKIN, 2013).

A síndrome de feminização para-neoplásica ocorre em sertoliomas, onde o animal principalmente criptorquizado apresenta aumento na produção de estrogênio causando alopecia não pruriginosa simétrica, hiperqueratinização e hiperpigmentação desses cães (DALEK, 2012).

O diagnóstico para animal com suspeita de tumores testiculares deve ser feito através de aspectos clínicos, ultrassonografia principalmente para animais criptorquizados, citologia aspirativa por agulha fina para diagnóstico sugestivo e biópsia excisional e avaliação histopatológica para confirmação (DALEK, 2016).

Os exames laboratoriais em caso de sertolioma podem apresentar mielosupressão devido à síndrome para neoplásica causada pelo desequilíbrio de estrógeno e progesterona, nas neoplasias de seminoma e leydingoma não ocorre essa alteração (DOBSON, *et al.*, 2001).

O tratamento de eleição é a excisão cirúrgica, orquiectomia terapêutica bilateral, e em casos de criptorquidas avaliação da cavidade abdominal para pesquisa de metástase Dobsson, (2011) e ablação da bolsa escrotal caso ocorra aderência na derme (DALEK, 2016). Em neoplasias metastáticas pode ser feito o tratamento quimioterápico com metotrexato, vimblastina segundo os autores (HENRY, 2010 DALEK, 2016).

Além disso, o prognóstico é favorável para essas neoplasias, exceto em casos de metástase e mielosupressão que se torna reservado (RASKIN, *et al.*, 2012).

3.2 CASUÍSTICA DE ODONTOLOGIA

Os procedimentos odontológicos foram de alta prevalência, comparado aos outros sistemas (tabela 5).

Tabela 5. Relação de procedimentos odontológicos acompanhados durante o estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos animais, durante o período de 06 de agosto a 31 de outubro de 2018, na Clínica Veterinária PUCPR-Curitiba foram:

Odontologia	Caninos		Felino		Frequência (%)
	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	
Profilaxia	4	1	1	2	28%
Profilaxia+Exodontia	5	1	3	5	71%
Total	9	2	4	7	21

Fonte: o Autor (2018).

Os procedimentos realizados na clínica eram profilaxia e exodontia, devido aos médicos veterinários internos possuírem uma sala específica de odontologia e espaços agendados para esses procedimentos. A extração múltipla de dentes era visualizada com frequência e a incidência era em animais

felinos de meia idade que possuíam a L.R.O.F (lesão reabsortiva odontoclástica felina), sendo que os mesmos possuíam idade média de cinco a oito anos. A conduta realizada para essa doença era extração múltipla dentária e o prognóstico era de reservado a ruim devido a etiologia ser genética e degenerativa.

3.3 CASUÍSTICA DE SISTEMA MUSCULOESQUELÉTICO

As cirurgias de sistema musculoesquelético apresentaram a segunda maior incidência na casuística no CVE-PUC Curitiba (tabela 6).

Tabela 6. Relação de procedimentos cirúrgicos do sistema musculo-esquelético acompanhados durante estágio na área de Clínica Cirúrgica de pequenos animais, durante o período de 06 de agosto a 31 de outubro, na Clínica Veterinária PUCPR-Curitiba.

Reprodutor	Caninos		Felino		Frequência (%)
	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	
Ruptura de ligamento cruzado cranial	7	3	-	-	12,5%
Osteossíntese de Fêmur	5	1	-	-	9,37%
Remoção de implantes	5	-	-	-	9,37%
Osteossíntese de olécrano	2	-	-	-	6,25%
Trocleoplastia	2	-	-	-	6,25%
Osteossíntese de rádio e ulna	2	-	-	-	6,25%
Osteossíntese de úmero	1	-	-	-	3,12%
Osteossíntese de tíbia	1	-	-	-	3,12%
Pateloplastia	1	-	-	-	3,12%
Amputação de falange	1	-	-	-	3,12%
Amputação de membro torácico	-	1	-	-	3,12%
Total	27	5	0	0	32

Fonte: o Autor (2018).

A casuística de sistema músculo esquelético teve um número considerável de animais com fraturas por traumas automobilísticos, a conduta cirúrgica nesses casos era osteossíntese, todas com utilização de placas bloqueadas, algumas com pinos intramedulares e auto-enxertos ósseos. Somando-se a isso amputações de falange, membro pélvico e torácico devido a fraturas incorrigíveis.

A ortopedia na clínica veterinária teve alta incidência de afecções nas articulações fêmuro-tíbio-patelares como ruptura de ligamento cruzado cranial cujo possuía uma técnica adaptada e utilizada pelo professor José Villa Nova, chamada de Ampulheta. Ela consistia em inserção de um, dois ou três fios monofilamentares não-absorvíveis de polipropileno, dependendo do porte do canino, e realizado um orifício e passagem do fio no côndilo lateral da tíbia, côndilo medial do fêmur, entre os côndilos femorais, e no codilho medial da tíbia com auxílio de furadeira ortopédica. Logo após era realizado um nó triplo, em seguida embricamento da cápsula articular e sutura da musculatura com fio poliglactina padrão Reverdin e pele com Nylon padrão simples interrompida, imitando o ligamento cruzado cranial.

3.4 CASUÍSTICA DO SISTEMA TEGUMENTAR

As cirurgias de sistema tegumentar apresentaram a terceira maior casuística no período de 06 de agosto a 31 de outubro de 2018 na clínica veterinária. A afecção com indicação cirúrgica que teve maior frequência foi neoplasia. Os machos caninos foram mais acometidos do que as fêmeas conforme a (tabela 7).

Tabela 7. Relação de cirurgias do sistema tegumentar, acompanhadas durante estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, durante o período de 06 de agosto a 31 de outubro, na Clínica Veterinária PUCPR-Curitiba.

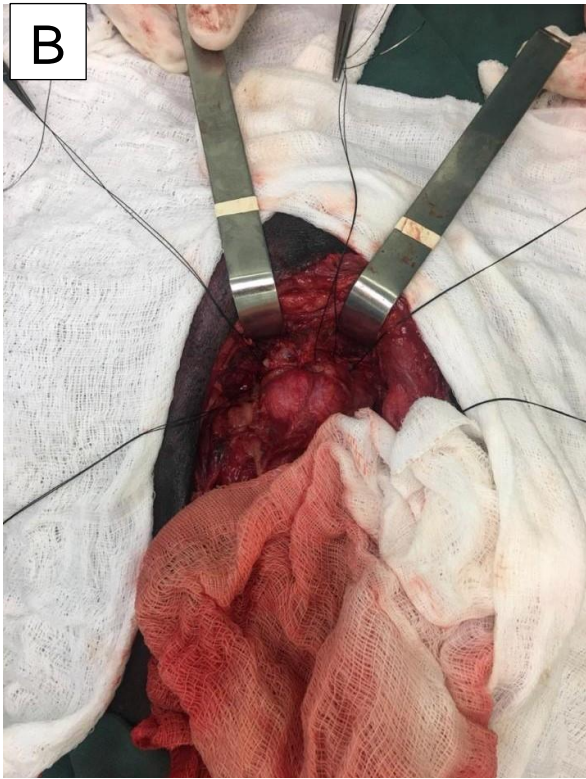
Tegumentar	Caninos		Felinos		Frequência (%)
	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	
Nodulectomia	9	3	-	3	46,87%
Sutura de ferida	3	2	-	-	15,62%
Criocirurgia	1	1	2	-	12,5%
Reconstrutiva	2	1	2	-	12,5%
Hérnia abdominal	2	-	-	-	6,25%
Amputação vaginal	1	-	-	-	3,12%
Total	18	7	2	5	32

Fonte: o Autor (2018).

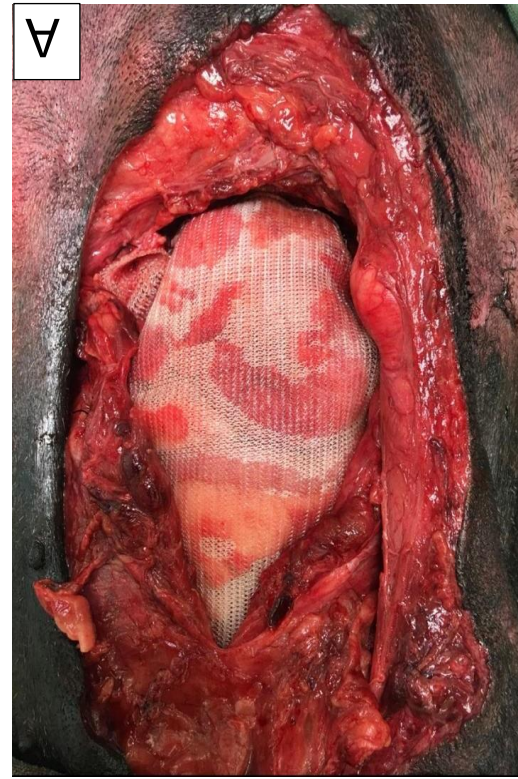
Em tecidos moles o que mais se observou-se foram casos de oncologia de tecido epitelial e mesenquimal, lipomas eram observados em animais grandes e com sobrepeso; hemangiomas tiveram baixa prevalência e adenomas eram muito comuns em cães de ambos os sexos. A conduta para os mesmos era exérese tumoral. Carcinomas de células escamosas e mastócitos requeriam cirurgias reconstrutivas e complexas.

Além disso, foram realizadas duas correções de hérnias abdominais devido a trauma automobilístico com utilização de tela de polipropileno, e uma amputação vaginal correspondente a prolapso de útero em cadela.

Figura 18. Correção de hérnia abdominal. **A)** Aplicação de fios de Nylon 2-0 na pelve e na musculatura; **B)** Observe a tela de polipropileno posicionada na cavidade abdominal - CVE PUC Curitiba.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

3.5 CASUÍSTICA DO SISTEMA GASTROINTESTINAL

O sistema gastrointestinal possuiu baixa incidência na casuística da clínica veterinária, observando a lobectomia e colecistectomia com maior incidência segundo a (tabela 8).

Tabela 8. Relação de cirurgias realizadas no sistema gastrointestinal, acompanhadas durante estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, durante o período de 06 de agosto a 31 de outubro de 2018, na Clínica Veterinária PUCPR-Curitiba.

Gastrointestinal	Caninos		Felino		Frequência (%)
	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	
Colecistectomia	1	2	-	-	18%
Lobectomia	1	-	-	1	18%
Biópsia de intestino	-	1	-	-	9%
Esplenectomia	1	-	-	-	9%
Biópsia Hepática	1	-	-	-	9%
Gastrectomia	1	-	-	-	9%
Total	6	2	0	1	9

Fonte: o Autor (2018).

O procedimento cirúrgico de colecistectomia foi o mais visualizado durante o estágio, é indicado a retirada da vesícula biliar devido a inflamação e infecções. A técnica utilizada para esses três procedimentos foi a laparotomia e ressecção da vesícula por meio de divulsão com o dedo indicador envolto em uma gaze úmida e ligadura do ducto biliar com fio de Nylon 3-0.

3.6 CASUÍSTICA DO SISTEMA OFTÁLMICO

Os procedimentos de sistema oftálmico foram de mínima prevalência se comparado aos outros sistemas (tabela 9).

Tabela 9. Relação de procedimentos cirúrgicos do sistema oftálmico acompanhadas durante estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais, durante o período de 06 de agosto a 31 de outubro, na Clínica Veterinária PUCPR-Curitiba.

Oftálmico	Caninos		Felino		Frequência (%)
	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	
Enucleação	1	-	-	-	33,3%
Correção de protrusão de glândula de 3 pálpebra	1	-	-	-	33,3%
Exérese de nódulo na pálpebra superior	1	-	-	-	33,3%
Total	3	0	0	0	3

Fonte: o Autor (2018).

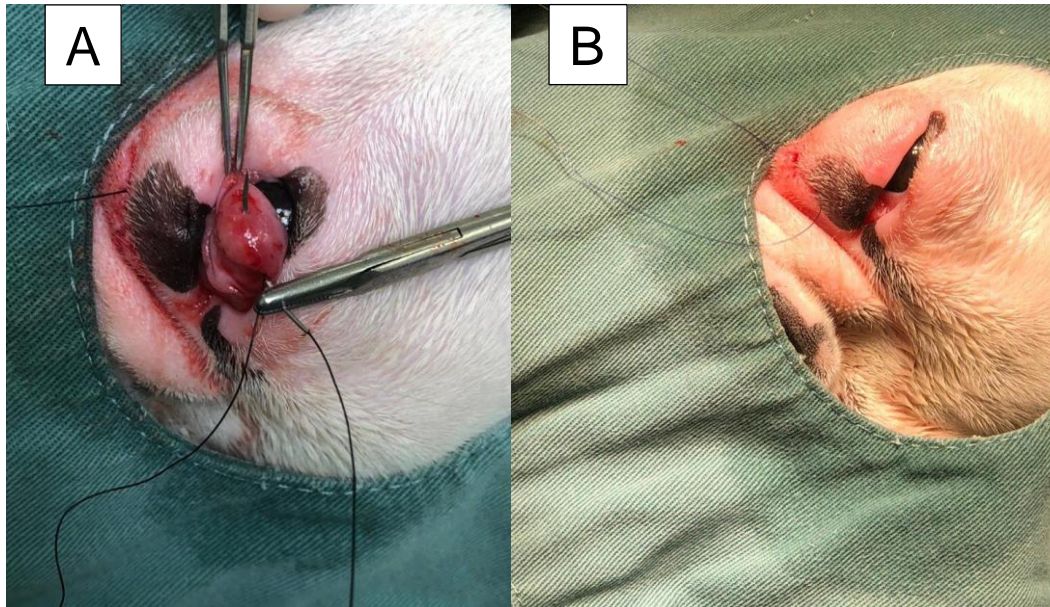
As cirurgias oculares foram poucas durante o estágio curricular, contendo um animal canino que realizou enucleação devido a um trauma. Além disso, outro canino de pelagem preta com neoplasia de melanócitos onde foi feito a exérese tumoral e duas sessões de criocirurgia. A literatura relata que essa neoplasia acomete mais fêmeas do que machos contrariando o caso, porém indicado a criocirurgia devido à dificuldade de obter margem nessa cirurgia Slatter (1993) obtendo a cura completa da afecção.

Ademais, houve um canino filhote de três meses que idade que apresentava protrusão da glândula da terceira pálpebra bilateral. Esta protrusão tem etiologia em cães e gatos braquicefálicos como persas, Bulldog Inglês, Boston Terrier, além de raças como Cocker Spaniel, Beagles e Poodles (HAMOR, 2007). A glândula lacrimal tem importância na distribuição de líquido para lubrificação do olho e evitar a ceratoconjuntivite seca, portando é fundamental a preservação da mesma (WOUK e SOUZA, 2009).

O procedimento realizado nesse caso foi a técnica de Kaswan que consiste na fixação da glândula da 3ª pálpebra no periósteo ocular e redução da mesma com fio de sutura absorvível poliglecaprone 5-0. O pós-cirúrgico foi recomendado utilizar colar elisabetano, colírio (tracrolimus 1gt/QUID/5 dias), antibiótico (amoxicilina 20mg/kg/BID/7dias) analgésico (dipirona monossódica 1gt por kg/TID/7 dias) e anti-inflamatório meloxicam (0.1/mg/kg/SID/3 dias).

Segundo Slatter (1993) essa é a técnica mais indicada para protrusão da glândula de 3ª pálpebra, porém a mais utilizada é a de Morgan.

Figura 19. A) Fixação de fio de poliglecaprone no periósteo, pálpebra superior e glândula de terceira pálpebra; **B)** Redução da glândula da terceira pálpebra através da tração do fio de sutura.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

3.7 CASUÍSTICA DO SISTEMA URINÁRIO

Os procedimentos cirúrgicos do sistema urinário fora a uretostomia associada a penectomia em gatos a com maior prevalência por ser a última escolha de tratamento para DITUIF em felinos, (tabela 10).

Tabela 10. Relação de procedimentos cirúrgicos do sistema urinário, acompanhadas durante o estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos animais, durante o período de 06 de agosto a 31 de outubro de 2018, na Clínica Veterinária PUCPR-Curitiba foram:

Urinário	Caninos		Felino		Frequência (%)
	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	
Ureterostomia+Penectomia	-	-	2	-	66%
Cistoscopia+Cistotomia	1	-	-	-	33%
Total	1	0	2	-	3

Fonte: o Autor (2018).

No que se trata de sistema urinário foi observado a cirurgia em um canino macho com múltiplas urolitíases na vesícula urinária, realizando-se a técnica primeiramente de cistoscopia para a retirada dos cálculos, porém não obteve sucesso, após isso foi realizado a cistotomia para sua exclusão. O urólito foi enviado para análise e constatou que consistia em um cálculo de oxalato de cálcio, mais comum em caninos machos de pequeno porte e raça pura segundo a literatura (BARTAGES, 2015).

Além disso, foi realizado em dois felinos as cirurgias de ureterostomia e penectomia devido a DITUIF, doença de etiologia múltipla e idiopática causadora de obstruções uretrais em felinos (WESTROPP, 2016). O procedimento foi realizado com auxílio de três sondas uretrais tamanho 12,10 e outra sonda tomcat para auxílio da divulsão de tecidos. Após a penctomia e abertura da uretra foi realizado suturas padrão simples interrompido com fio poliglecaprone 5-0 monofilamentar para reduzir o risco de contaminação e infecção. Os cuidados específicos pós-operatórios eram utilização de colar e limpeza da ferida com solução fisiológica três vezes ao dia até a retirada de pontos.

3.8 CASUÍSTICA DO SISTEMA RESPIRATÓRIO

As enfermidades que acometeram o sistema respiratório foram de mínima prevalência se comparado aos outros sistemas, (tabela 11).

Tabela 11. Relação de cirurgias do sistema respiratório, acompanhadas durante o estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos animais, durante o período de 06 de agosto a 31 de outubro de 2018, na Clínica Veterinária PUCPR-Curitiba foram:

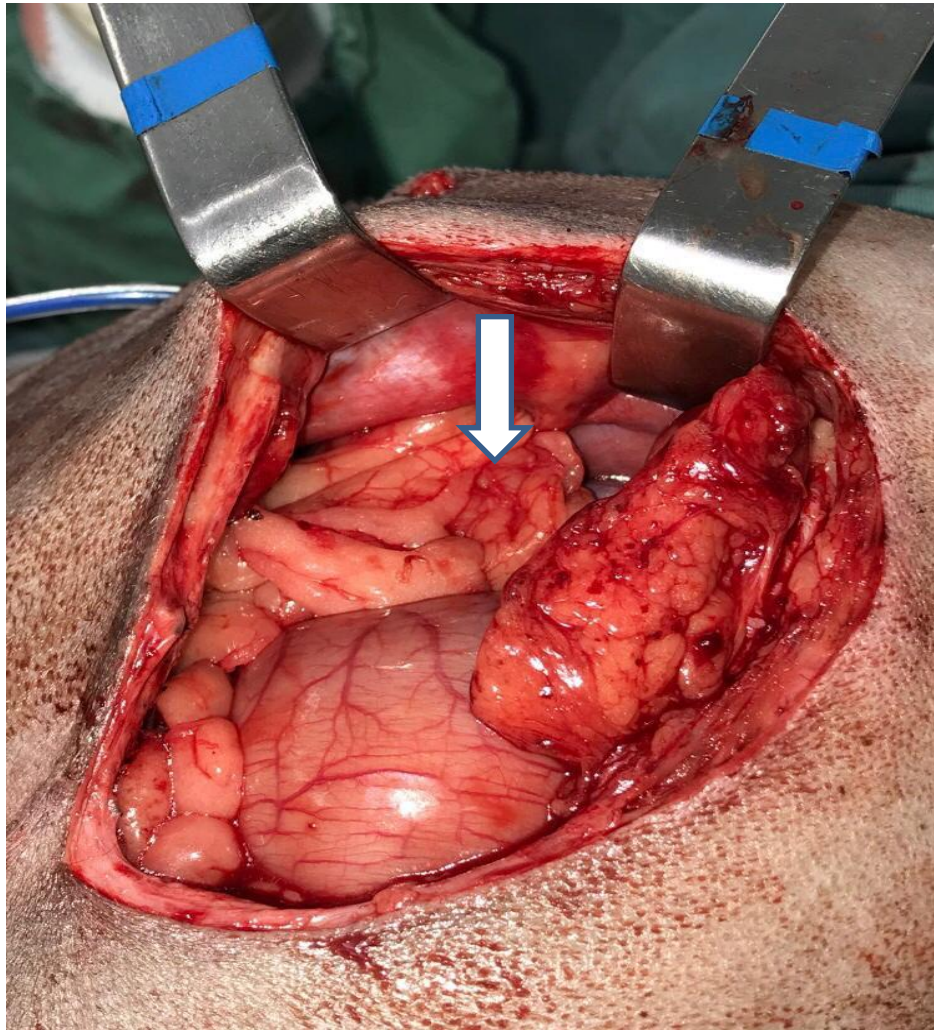
Respiratório	Caninos		Felino		Frequência (%)
	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	
Lobectomia	1	-	-	1	66%
Toracotomia exploratória	1	-	-	-	33%
Total	2	0	0	1	3

Fonte: o Autor (2018).

No sistema respiratório a prevalência foi mínima, sendo o as duas afecções neoplasias de pulmão. No primeiro caso, era um felino com sarcoma de aplicação cutâneo no qual se metastazizarse-ou para a cavidade torácica e atingiu o lobo pulmonar esquerdo porção caudal e costelas adjacentes, com presença de osteólise. O procedimento cirúrgico foi complexo com retirada das costelas c5 c6 e c7, lobo caudal esquerdo do pulmão e musculatura e pele. Segundo Amorin (2007) o tratamento de eleição para sarcoma de aplicação é a cirurgia reconstrutiva visando a exérese com margem maior que 3,0 cm, quando possível. O animal veio a óbito no pós-operatório imediato, sendo a principal suspeita dos médicos veterinários é tromboembolismo.

Além disso, o outro animal canino foi realizado a toracotomia exploratória e encontrado uma massa neoplásica, feito a exérese tumoral da mesma no lobo esquerdo porção caudal e depois reestabelecimento da pressão negativa.

Figura 20. Ressecção de tumor torácico. Acesso a cavidade torácica com presença de massa tumoral no mediastino-seta branca a seguir.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

No pós-operatório de cinco dias o animal também veio a óbito. O proprietário optou por não realizar o diagnóstico histopatológico e a suspeita de morte igualmente era de tromboembolismo.

3.9 CASUÍSTICA DO SISTEMA AUDITIVO

As enfermidades que acometeram o sistema auditivo foram intervenção cirúrgica devido a otites crônicas com maior prevalência, (tabela 12).

Tabela 12. Relação de procedimentos cirúrgicos do sistema auditivo, acompanhadas durante o estágio na área de Clínica Cirúrgica de Pequenos animais, durante o período de 06 de agosto a 31 de outubro de 2018, na Clínica Veterinária PUCPR-Curitiba foram:

Auditivo	Caninos		Felino		Frequência (%)
	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	
Ressecção parcial do conduto auditivo	-	1	-	-	33%
Ressecção do conduto auditivo	-	-	-	1	33%
Oto-hematoma	1	-	-	-	33%
Total	0	1	0	1	3

Fonte: o Autor (2018).

Ocorreram duas cirurgias de sistema auditivo uma em canino e outra em felino com a mesma etiologia: pólipos auriculares devido a otite crônica. São massas benignas pedunculadas fibrosas que se encontram-se na orelha média (FOSSUM, 2013). Apesar de ser uma neoplasia benigna, a indicação foi cirúrgica devido a infecção crônica, dor aguda, odor fétido e pútrido do nódulo ulcerado.

No felino foi realizada a ablação total do conduto auditivo, pois a deterioração da orelha média era completa, no procedimento foi utilizada sutura padrão simples interrompido com fio poliglecaprone 4-0. Para o canino a técnica foi a ablação parcial do conduto auditivo, nessa cirurgia foi utilizado fio de nylon 5-0 e as suturas também eram simples interrompidas.

Outro procedimento cirúrgico realizado durante o estágio devido a recidiva dos três tratamentos clínicos foi a correção cirúrgica de oto-hematoma. O oto-hematoma é uma afecção onde ocorre o rompimento de vasos sanguíneos da orelha devido a traumas constantes Fossum (2014), o tratamento cirúrgico é a

última conduta terapêutica para essa enfermidade. O médico veterinário Jorge Luiz Castro por sua experiência não contempla o uso de captos na sutura devido a maior probabilidade de reação inflamatória e isquemia.

Figura 21. Incisão na orelha interna em forma de S e retirada de sangue e fibrina, logo após aplicação de múltiplas suturas padrão Wolf com fio Nylon 2-0 em todo o pavilhão auricular.



Fonte: Arquivo pessoal, 2018.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Curricular Supervisionado permite poder aprofundar seus conhecimentos teóricos na prática absorvidos durante a graduação. É muito importante para formação do acadêmico, e também contribui para o amadurecimento profissional e inserção no mercado de trabalho.

O período de estágio permitiu o desenvolvimento de interação com médicos veterinários formados, professores, colaboradores e proprietários, insentivando a criação de responsabilidades, censo crítico e habilidades na área pretendida. A escolha para realização em uma clínica escola proporcionou grande conhecimento por possuir um grande número de atendimentos e condutas clínicas diversas, além do apoio, compreensão e ensinamentos dos professores e internos. As atividades realizadas distintas contribuíram ainda mais para ampliação de conhecimentos teórico e prático, acompanhando desde o caso mais simples ao de alta complexidade.

Sendo assim, o período de três meses durante o estágio na Clínica PUCPR aprimorou meu conhecimento e melhorou minhas relações interpessoais, fatores indispensáveis para os desafios que existem no mercado de trabalho.

SUGESTÕES

Para a clínica veterinária escola da PUCPR as sugestões são para contratar mais médicos veterinários, podendo assim aumentar a rotina clínica e acompanhamento de casos complexos. Ademais, tornar-se um hospital atendendo 24 horas por dia e funcionamento durante os finais de semana, para que os pacientes críticos não sejam encaminhados todas as noites para clínicas particulares.

REFERÊNCIAS

AMORIM, F.V. Sarcomas de locais de injeção. **Acta Scientiae Veterinariae**, 2007. 35 (supl 2): p.221-223

BARTGES, J.W.; CALLENS, A.J. **Urolithiasis. Veterinary Clinical of Small Animal**, v. 45, p. 747-768, 2015

DALECK, R. C.; NARDI. A. B. de. **Oncologia de cães e gatos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Roca, 2016.

FOSSUM, T. W. Cirurgia da Espinha Toracolombar. In: FOSSUM, T. W. **Cirurgia de Pequenos Animais**. 2ª ed., São Paulo- SP: Rocca, 2005a, 1264p.

FOSSUM, T. W. Cirurgia do Sistema Digestório. In: FOSSUM, T. W. **Cirurgia de Pequenos Animais**. 2ª ed., São Paulo- SP: Roca, 2005b, 414p.

HAMOR, R.E. Terceira Pálpebra. In: SLATTER, D. **Manual de Cirurgia de Pequenos Animais**. 3ª ed., Barueri – SP: Manole, 2007, v. 2, 1363p.

HENRY, J. C.; HIGGINBOTHAM, L. M.; Cancer Management. 1ª ed. Missouri: Saunders Elsevier, 2010.

MORRIS, J.; DOBSON, J.; **Small Animal Oncology**. Blackwell Science, 2001.

CUNHA, O. **Manual de Ortopedia Veterinária**, Universidade Federal do Paraná;
Campus Palotina, 2008, 32p.

RASKIN, R.; MEYER, D. **Citologia Clínica**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Saunders Elsevier, 2012.

ROBBINS, M. Oncologias do Sistema Reprodutor. In: SLATTER, D. **Manual de Cirurgia de Pequenos Animais** 3ª ed., Barueri-SP, 2007, v. 2, 2442p.

SLATTER, D. **Small Animal Surgery**. 3ª ed. Vol 2. Philadelphi: SaundersElsevier, 1993.

STEVENSON, D. J. Formation and early Evolution oftheearth. In: PELTIER, W. R. **Mantieconversion**. New York: Gordon, 1989. p.817-873.

STRAMANN, N.; FAILING, K.;RICHTER A.; WEHREND, A. **Mammary tumor recurrence in bitchesafter regional mastectomy**. Pubmed. Org 2008

TOBIAS, M. K.; JOHNSTON, A. S. **Veterinary Surgery Small Animal**. Vol. 1. St. Louis: Elsevier, 2012. p.

TOBIAS, M. K.; JOHNSTON, A. S. **Veterinary Surgery Small Animal**. Vol. 2. St. Louis: Elsevier, 2012. p.

WOUK, A. F.P.F; SOUZA, A.L.G. –Técnica Operatória Oftálmica. In: TUDURY, E.A.;

POTIER, G.M.A. **Tratado de Técnica Cirúrgica Veterinária**. 1 ed., São Paulo-SP:

MedVet, 2009, 366p.